



CAMPO REMOTO/CAMPIS REMOTIS
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA EMERGENCIAL COMO EXERCÍCIO
ESTÉTICO.

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2021.8.2.001-014>

Deborah Alice Bruel Gemin¹

RESUMO: O presente artigo consiste num relato do esforço conjunto empreendido pelas(os) docentes do curso de bacharelado em Artes Visuais do campus de Curitiba I - EMBAP / UNESPAR no sentido de encontrar uma saída para seguir com o ensino, a aprendizagem e a conversa da e em Artes Visuais frente à condição imposta de afastamento social, da suspensão de todas as atividades presenciais no campus e das precárias condições sanitárias e sociais que o país e o mundo vivenciam desde inícios de 2020. O colegiado do curso de Artes Visuais compreendeu que era impossível espelhar o modelo educativo convencional para o modelo remoto, e como artistas e pensadores das Artes nos lançamos ao desafio de transformar essa condição em terreno para trocas e experimentações estético-educativas, que sobretudo se debruçasse no fazer e no pensar artísticos mergulhados no presente contexto. Do enfrentamento desse desafio surgiu o Campo Remoto ou *Campus Remotus*, uma proposta artístico-educativa para o ensino remoto emergencial que não se furtou em proteger a formação do artista visual, sem abrir mão da humanidade.

Palavras-chave: ensino remoto; autonomia; formação de artistas; Artes Visuais; Campo Remoto.

CAMPO REMOTO/CAMPIS REMOTIS
STORY OF AN AESTHETIC EXERCISE AS AN EMERGENCY EDUCATIONAL
EXPERIENCE

ABSTRACT: This article is an account of the joint effort undertaken by the professors of the bachelor's degree in Visual Arts at the Curitiba I - EMBAP / UNESPAR in order to find a way out to continue with the teaching, learning and discussing about Visual Arts in response of the imposed social withdrawal, the suspension of all face-to-face activities on campus and the precarious sanitary and social conditions that the country and the world have experienced since early 2020. The collegiate of the Visual Arts course understood that it was impossible simple mirroring the conventional educational model to the remote model. Thus as artists and thinkers of the Arts, we launched the challenge of transforming this condition into a terrain for aesthetic-educational exchanges and experiments, which would, above all, focus on artistic making and thinking immersed in the present

¹ UNESPAR, Professora Adjunta - curso de Artes Visuais (bacharelado) - Artista e Pesquisadora - doutora em Artes Visuais pela ECA/USP. residente em Curitiba Paraná – Brasil. lattes: <http://lattes.cnpq.br/0656519761480356> email: deborah.gemin@unespar.edu.br

context. From facing this challenge came Campo Remoto or *Campus Remotus*, an artistic-educational proposal for emergency remote education that did not fail from protecting the education of the visual artists, without giving up humanity.

Keywords: remote education; autonomy; artistic education; Visual Arts; Campo Remoto.

CAMPO REMOTO/CAMPIS REMOTIS **INFORME DE UNA EXPERIENCIA EDUCATIVA EMERGENTE COMO EJERCICIO ESTÉTICO**

RESUMEN: Este artículo es un relato del esfuerzo conjunto que hicieron los docentes del Bachillerato en Artes Visuales del campus Curitiba I - EMBAP / UNESPAR con el fin de buscar una salida de continuidad para la enseñanza, el aprendizaje y la conversación sobre e en Artes Visuales. Ante la condición impuesta de retraimiento social, la suspensión de todas las actividades presenciales en el campus y las precarias condiciones sanitarias y sociales que viven el país y el mundo desde principios de 2020. El colegiado del curso de Artes Visuales entendió que sería imposible trasladar el modelo educativo convencional al modelo remoto, y como artistas y pensadores de las Artes, nos lanzamos al desafío de transformar esta condición en un terreno de intercambios y experimentos estético-educativos, que se enfocarían, sobre todo, en el hacer y pensar artístico sumergidos en el contexto actual. De afrontar este desafío surgió Campo Remoto o Campus Remotus, una propuesta artístico-educativa de emergencia y a distancia, que no rehusó proteger la formación del artista visual, sin renunciar a la humanidad.

Palabras clave: enseñanza a distancia; autonomía; formación de artistas; Artes Visuales; Campo Remoto.

Quando demos as boas-vindas a estudantes em 2020 na semana de recepção, não podíamos imaginar que a partir de 20 de março, em menos de um mês, nossas rotinas seriam forçadamente transformadas, nós teríamos que reprogramar todas as atividades curriculares já aprovadas para o ano. Mais do que isso, teríamos que rever nossas certezas sobre a vida em sociedade, nossas noções de amor ao próximo, de bem estar, nossos padrões de cotidiano, nossos hábitos de lazer e de consumo. Teríamos que enfrentar as nossas escolhas, rever as prioridades.

Pois bem, com a ameaça de uma pandemia mundial pela propagação do vírus SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19, as aulas e atividades presenciais foram imediatamente suspensas pela reitoria da universidade. Porém, apesar da decisão acertada, fomos lançados a uma situação para a qual nunca estivemos preparados. Como seguir com as aulas sem poder ocupar as salas de aula, os laboratórios? Como seguir com as atividades pedagógicas e administrativas, com os encontros de orientação e reuniões, se a rotina havia sido suspensa? Essas dúvidas lancinantes vieram acompanhadas do medo da doença ameaçadora, que naquela altura já fazia centenas de vítimas diárias na Europa -um dos nossos paradigmas de sociedade.

Nosso primeiro impulso foi: vamos nos cuidar, vamos cuidar dos nossos, vamos organizar o cotidiano, que passou a requisitar muito mais tempo para as tarefas caseiras como cozinhar e limpar. Com isso, ficamos duas semanas sem qualquer atividade, tentando entender o que viria pela frente. E, principalmente, tentando adivinhar por quanto tempo ficaríamos assim isolados.

A primeira ação institucional foi melhorar e organizar o acesso de docentes e estudantes à plataforma *Moodle*, que muitos já utilizavam para atividades remotas como complemento de disciplinas e cursos.

Docentes mais ágeis com a tecnologia cadastraram suas turmas e se lançaram a produzir material didático como aulas gravadas, textos e "fóruns". No entanto, a maioria de nós, tivemos contato com a ferramenta naquele momento.

Ao mesmo tempo, a primeira resposta política de boa parte dos corpos docente e discente foi reativa ao ímpeto de se adotar plataformas e ferramentas tecnológicas como substitutas do ensino presencial. Porque se já existia em curso um desmonte do ensino público e gratuito, adaptar-se rapidamente e adotar um modelo EAD, seria a pá de cal na luta por esse direito primordial de qualquer sociedade minimamente democrática.

Assim, foi nesse contexto geral de ruptura social, que tiveram início as atividades letivas de 2020. Ruptura que se agravou com os constantes ataques às instituições democráticas feitas pelo governo federal em exercício e acompanhada por boa parte dos governos estaduais. No decorrer de 2020 precisamos aprender a resistir e a assumir que caberia à nós artistas e pesquisadores propor uma pedagogia alternativa.

Passadas as duas primeiras semanas começaram a surgir demandas de todos os lados. Docentes que não tinham condições e conhecimento para adotar metodologias de ensino à distância e de ferramentas digitais, estudantes sem acesso a dispositivos tecnológicos e a internet. Órgãos de gestão da universidade cobrando planejamento e critérios pedagógicos. Recebemos uma sequência de resoluções, memorandos e orientações de como deveríamos proceder. Como no mundo todo, a coisa estava bastante confusa.

No nosso caso havia o agravante de sermos um curso de formação de artistas, que requer o uso de laboratórios - como são chamados os ateliês - e a manipulação de materiais diversos. Nosso curso é equipado com laboratórios imprescindíveis de pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia, vídeo e tecnologia. Como fazer e ensinar técnicas e práticas artísticas de maneira remota?

Naquele momento ainda acreditávamos que a pandemia poderia ser controlada em alguns meses, por isso nos esforçamos em concentrar nos conteúdos teóricos, assim "deixaríamos" as aulas práticas para um segundo momento, quando pudéssemos retornar à "vida normal". Mas em maio já percebemos que a "normalidade" não retornaria tão cedo, pelo menos não em 2020. Nesse momento, atendendo a um pedido da representação estudantil e de alguns professores que até aquele momento não haviam conseguido uma adaptação satisfatória para suas aulas, suspendemos qualquer atividade, para termos condições de repensarmos metodologias que pudessem atender com qualidade os requisitos de um curso de artes.

A questão mais relevante era que um curso de formação de artistas deveria responder, a um contexto problemático como aquele, de maneira crítica contundente e com um método capaz de abarcar a distância e a mediação virtual. Afinal, um curso de artes visuais é feito por artistas e pesquisadores acostumados a exercitar o pensamento "fora da caixa", pelo menos, nós acreditamos nisso.

Foi assim que em maio e junho de 2020 surgiu o Campo Remoto/*Campus Remotus*, nossa proposta educativa remota emergencial, que se caracterizava por ser uma construção coletiva do corpo docente e que incluiria numa mesma plataforma todas as turmas dos cursos de bacharelados em artes visuais da Belas. Num total de dez turmas - quatro turmas das duas séries iniciais do BAV, e seis turmas das séries finais dos cursos em extinção Gravura, Escultura e Pintura. Nos dois meses de planejamento, fizemos longas reuniões pedagógicas para encontrarmos saídas àquela situação imposta.

Segue um relato das discussões que fizemos nestas reuniões, a partir de minhas anotações como coordenadora, e dos preciosos registros feitos pela professora Isadora Mattioli. É fato que existem lacunas, falas não contempladas nestes relatos, mas espero que nos outros textos deste dossiê, essas vozes estejam presentes, e principalmente, que fique explícito que foi na colaboração coletiva que o

Campo Remoto surgiu e aconteceu. Quero dizer com isso que embora alguns nomes possam aparecer mais que outros, sem o trabalho coletivo esse projeto não teria saído das discussões. Houveram discordâncias, e a proposta não foi aprovada unanimemente, mas o colegiado é uma instância democrática que delibera pela maioria, e a maioria pensou e fez acontecer o Campo Remoto.

No período de 11 de maio a 30 de junho de 2020, com a suspensão de "aulas" remotas (atividades remotas síncronas do conteúdo curricular na grade horária presencial), o colegiado do BAV - junto com docentes dos cursos em extinção realizou sete encontros - nas datas de 18 de maio, 20 de maio, 28 de maio, 02 de junho, 10 de junho, 18 de junho, 22 de junho -, a fim de propor uma metodologia de trabalho para o período de afastamento social em decorrência da Pandemia de Covid-19. A seguir, estão apresentadas as discussões das propostas cronologicamente.

1ª Reunião - estudantes e docentes 18/05 19h - convocada pelos alunos do segundo ano do BAV.

Com a presença das(os) estudantes: Julia Brasil, João Possari, Sabrina, Tatiane, Maira Castro, Sabrina, Carlla, Pedro Boaron, Élen. Professoras(es): Carina Weidle, Ricardo Ayres, Deborah Bruel e Fátima Junqueira.

Neste encontro foram apresentadas as dificuldades das(os) estudantes que somam desde a falta de equipamentos eletrônicos, tecnologia e internet, até o excesso de conteúdo e atividades propostas nas disciplinas de forma remota e síncrona. Além disso, o estresse causado pelas preocupações com a situação da pandemia prejudicou o acompanhamento das atividades, que refletiu numa alta taxa de ausência. Apesar das dificuldades relatadas, havia o anseio pela manutenção do vínculo com a universidade, e pela continuidade da aprendizagem. As demandas das(os) estudantes neste primeiro encontro foram: 1- que as atividades fossem facultativas (para não prejudicar quem não tem ou está em condições de acompanhar) e 2- uma organização das plataformas digitais, a distribuição razoável e equitativa de conteúdo e atividades.

As(os) docentes apresentaram as seguintes argumentações visto que o clima de incerteza é muito forte; 1. Sem "obrigatoriedade" os alunos não participariam; porém a condição básica de acesso é precária para boa parte do corpo discente. 2. O compromisso de um horário foi bastante positivo para aqueles que conseguiram "dar as aulas" neste período até aquele momento. 3. Uma metodologia não-presencial (assíncrona) se assemelha mais ao EAD. 4. O planejamento deve ser diferente. Uma postagem no *moodle* por exemplo não é EAD, porém as atividades não-síncronas permitem acesso mais fácil de via internet, mas é o que menos se assemelha ao ensino presencial. 5. O encontro de pessoas ao mesmo tempo, pensando a mesma coisa, faz diferença no processo de aprendizagem, por isso a sincronia é importante.

Marcamos uma reunião ainda naquela semana, pois precisávamos desenhar um formato de ensino possível até o final de maio.

2ª Reunião 20/05 14h - primeiros passos

Consensos do grupo: A suspensão das atividades foi fundamental para avaliar as condições estruturais e psicológicas e assim pensarmos propostas mais adequadas. As perdas causadas pelo afastamento social e pelo risco sanitário da pandemia são muitas e inevitáveis. Precisamos fazer nossa própria proposta emergencial a partir dessas questões fundamentais: Para além do cumprimento das obrigações docentes, o que entendemos como primordial nesse momento crítico de exceção, em termos de atividade de ensino num curso de formação de artistas de uma universidade pública, gratuita

e de qualidade? O que cabe à arte neste momento? O que é realmente fundamental? É possível assegurar que as atividades desenvolvidas não sejam substitutas do modelo presencial de ensino? É primordial garantir que para um curso de ARTES VISUAIS os espaços físicos e a presença são fundamentais. Não podemos abrir mão disso ingenuamente para "salvar" um ano letivo. Em que medida as atividades desenvolvidas nesse período não são ainda mais segregadoras para quem está em risco social? Como continuar a ser crítico e resistente quanto à falta de estrutura sem cruzar os braços e sem fornecer gratuitamente a nossa estrutura privada?

As seguintes questões educativas, sociais e políticas foram consideradas: a primeira foi a necessidade de separar quais são as pautas do corpo estudantil e dos docentes, já que o corpo docente não é o responsável pela estrutura, ou falta de estrutura, oferecida aos estudantes. Cada classe, estudantil e docente, deve fazer suas demandas ao estado. Em segundo lugar, a reclamação de dificuldades com a variedade de ferramentas parece não ser pertinente, pois quando estamos em aulas presenciais, fazemos o uso de diferentes aplicativos de e-mail, mensageiros e redes sociais. Talvez por isso mesmo a Universidade tenha deixado livre a escolha dos recursos didáticos. A terceira preocupação, dizia respeito ao **risco** em adotarmos modelos de EAD, como gravar conteúdo e disponibilizar, produzir conteúdo para livre acesso, criando assim contra argumentos à real necessidade de professores para ensino presencial. E como última consideração, a impossibilidade da continuidade das atividades e conteúdos eminentemente práticos, as disciplinas de ateliê, que dependem dos laboratórios, ferramentas e materiais plásticos, comprometendo o cumprimento curricular dos cursos. Argumentou-se que as turmas iniciais ainda teriam tempo de recuperar esses conteúdos, mas como ficariam as turmas de formandos, que deveriam finalizar seus estudos em 2020?

Deste encontro surgiram três sugestões concretas para as atividades remotas futuras:

- *Lives* com professores sugeridas pelos professores Jack e Ricardo;
- Uma exposição virtual proposta pelo professor Fabrício;
- Projeto(s) conjunto(s) integrado(s) que sejam válidos como conteúdo para as várias disciplinas, mas que extrapolam o formato dividido tradicional das disciplinas. A imagem para esta proposta é a de um FOGUETE, que viajaria pelo espaço remoto do atual contexto. A sugestão partiu das professoras Carina e Keila.

3ª Reunião 02/06 - um esboço

As seguintes questões político pedagógicas foram consideradas: a duração de atividades por dia que estivesse de acordo com o pacote de dados que seria distribuído pela reitoria aos estudantes necessitados; a organização das atividades por temas guarda-chuva; a definição de uma única plataforma digital; o respeito à autonomia docente; a proposição de módulos curtos; a definição prévia das equivalências dos módulos com as disciplinas.

O professor Fábio ponderou que impor um formato único não funcionaria, ele argumentava por autonomia no método de ensino, e que o conjunto de atividades pudesse ser heterogêneo. Além disso alertou que não deveríamos esquecer que uma mínima estrutura não era disponibilizada, e que escamotear o financiamento privado da instituição pública é um problema muito sério.

É preciso pontuar que a UNESPAR disponibilizava até aquele momento a plataforma *Moodle*, já utilizada por disciplinas e cursos com atividades de ensino à distância, e que as primeiras ações da Pró-reitoria de Ensino, de acordo com o Memorando Nº 022/2020, foram no sentido de adoção dessa plataforma. Com isso, todos os professores foram cadastrados e tiveram que cadastrar suas disciplinas

no *Moodle*. Houveram alguns esforços de tutoriais para auxiliar docentes e minimamente dar subsídios para o uso dessa plataforma. Além do *Moodle*, a UNESPAR já tinha contrato com a Microsoft, que oferece o pacote *Teams* de integração de aplicativos como bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e e-mail. Embora nem todos utilizassem essa plataforma, todos os docentes e agentes universitários possuem conta de acesso. Porém, neste momento o governo do estado decidiu ampliar o contrato com a empresa Google e estender às universidades o acesso ao pacote *G-Suite*. Assim, a partir de junho, além da conta *Microsoft*, também passamos a ter um conta *Google* e seu pacote de aplicativos de bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e e-mail. Ainda que a intenção fosse dar liberdade de escolha para o uso das diversas ferramentas, essa variedade prejudicou a organização e segue interferindo na boa comunicação. Mas esta discussão será retomada à frente.

Apesar de todas essas incertezas, terminamos esse encontro com sugestões concretas para as atividades remotas futuras. Eu propus uma estrutura básica em módulos curtos e concentrados - intitulada de 6x6 - onde as disciplinas foram organizadas sob três eixos, baseados no projeto pedagógico do curso: produção, recepção e circulação. Enquanto um grupo estivesse realizando um módulo, outro grupo estaria planejando o próximo. Os módulos teriam temas guarda-chuva, como ilhas temáticas, reunindo estudantes e professores, sempre no mesmo horário e "lugar". Compreendíamos que essa organização daria abertura e respeitaria a autonomia docente.

Até aqui foram propostos dois módulos:

1. Um primeiro módulo prático, abordando o fazer artístico nas diversas técnicas ou linguagens, que estava sendo planejado pelas professoras Carina, Fátima e Keila.

Um seminário dos TCCs, com conversas sobre pesquisa e os projetos, para atender especialmente estudantes dos 4º anos que estariam fazendo o TCC.

Para a organização temporal, a professora Keila apresentou um calendário intercalado, com módulos quinzenais e atividades três vezes por semana; Ficou definido que o mês de junho seria utilizado para esse planejamento. Ainda restaram muitas questões objetivas a serem definidas no próximo encontro, basicamente relativas às formas de controle e registro das atividades, à comunicação e divulgação transparente e acessível, às formas de avaliação, equivalência e validação, mantendo ativa a pauta da falta de estrutura;

4ª Reunião BAV 10/06 - surge o Campo Remoto

A preocupação central nesse momento era com a validade de uma proposta pedagógica que não fosse espelho da grade curricular do curso. Havia um receio de que a proposta pudesse futuramente ser deslegitimada. No entanto, nenhum curso presencial estaria cumprindo o descrito em seus projetos, justamente pela situação de exceção. Além disso, tínhamos consciência que cabia ao colegiado no exercício de sua autonomia propor estratégias pedagógicas emergenciais alinhadas ao curso para atravessar esse período conturbado. Adotar um cronograma mais orgânico e trabalhar em grupo se colocava como a melhor alternativa para as dificuldades técnicas, sociais e psicológicas do momento. Frente às inseguranças, sanitária, social, estrutural, precisávamos oferecer algo seguro e plausível. Afinal, nosso papel é com a formação de artistas e pesquisadores da arte. Tínhamos o temor de que quanto mais buscássemos correspondência com as disciplinas, quanto mais espelhassemos a sala de aula para o formato remoto, estaríamos validando um modelo de EAD. Não podíamos nos furtar de experimentar, de buscar soluções, de criar alternativas, que fossem ao mesmo tempo pedagógicas e

estéticas. Que na sua estrutura já trouxessem o sentido da Arte. Foi sugerido o estudo de Mônica Hoff sobre escolas de artistas.²

Neste encontro a professora Carina nos chama a atenção para a palavra LUGAR. Mesmo antes da pandemia, a fragilidade dos nossos espaços e a falta de uma estrutura mínima adequada já era uma questão problemática para os cursos de Artes Visuais. Os espaços físicos na Belas (agora campus Curitiba I) têm sido sucateados, restringidos, inadequados. Nossos laboratórios não têm um mínimo de condições físicas, funcionam em porões, são apertados, com poucos e precários equipamentos. A falta de uma sede própria se revela muito problemática para as necessidades específicas da área. Além disso, o espaço político das Artes Visuais no *campus* é menor em relação à área de Música. Há uma desigualdade representativa porque na Música há um número muito maior de docentes em relação ao corpo estudantil, fruto de uma necessidade específica, mas que se revela injusta para um sistema de gestão democrático e representativo. Pois, nas decisões essa diferença é intransponível e indiscutível, e sem mecanismos de equiparação as Artes sempre serão minoria nas instâncias decisórias do campus. Com isso, essa falta de LUGAR se apresenta tanto nos elementos concretos, como nos imaginários e éticos.

Com a situação do afastamento social, um LUGAR - remoto e abstrato - deveria ser proporcionado por nós, para que estudantes e docentes, pudessem seguir construindo sua educação em Artes e poder discutir sobre o papel da ARTE naquele contexto, construindo pensamentos para o futuro.

Foi assim, a partir dessas reflexões que a professora Carina propôs o Campo Remoto/*Campus Remotus*, idealizado em parceria com a Keila e a Fátima que teria como eixo a questão do LUGAR, que é urgente não apenas pela atual condição de isolamento social, mas pela histórica falta de uma sede com instalações adequadas, que se agrava com a configuração política díspar do nosso campus em particular. A proposta, temporal e espacialmente orgânica, não deveria se estruturar num calendário rígido a priori. Ou seja, iniciaria com um módulo e os demais seriam planejados como desdobramentos desse. Porque a ideia central era justamente romper com a estrutura compartimentada das disciplinas, turmas, séries e grade horária.

O primeiro módulo já tinha nome: Pintura pronta, Escultura encontrada [PP-EE]

A professora Isadora também apresentou a proposta de um blog de registro da produção artística que acompanharia paralelamente os módulos. E o professor Vinícius sugeriu que poderíamos pensar num processo de avaliação participativo, que não fosse um instrumento para atribuição de valor, mas que fosse uma forma de aprendizado.

5ª Reunião BAV 18/06

Fazia um mês que nos reuníamos toda semana, muitas ideias, muita discussão, e sobretudo muita incerteza. Desde o último encontro, quando a proposta ganhou o nome Campo Remoto, e uma estrutura inicial, outros aspectos surgiram para se discutir, porque não paravam de chegar memorandos e orientações das Pró-reitorias. Ainda não era possível prever um retorno às atividades, o número de internações começava a subir. Não existia qualquer horizonte de vacinação para a população, portanto a única forma para evitar o contágio era o afastamento social. Já estávamos considerando que fecharíamos o ano de forma remota.

² Mais especificamente o artigo "Sobre ser professor-artista-etc e vice-versa, ou como construir escolas de arte", publicado em 2017 na Revista Apotheke, Florianópolis.

Desde o último encontro, o professor Everaldo fez a seguinte reflexão por e-mail, que havia ficado claro nas reuniões que almejávamos um curso de artes, que durante a pandemia, nos permitisse experimentar formas distintas de compartilhar os saberes artísticos.

Assim, o Campo Remoto/*Campus Remotus* se configurava como uma proposta concreta de troca orgânica e dialógica de saberes e práticas, na qual, tomando como modelo o crescimento orgânico de uma planta, não se podia excluir a possibilidade de: interrupção, ramificação, aceleração, retardamento, transplante, etc. A sequência das atividades (ou suas ramificações, prolongamentos) dependeria de novas propostas em continuidade, oposição ou ruptura em relação às anteriores. As propostas seguintes seriam apresentadas e discutidas com o grupo, para que a participação estivesse sempre aberta. No sentido de organizar o Campo Remoto, começamos a usar a palavra sessão, que seria uma unidade dentro do módulo, ou seja, os módulos compreenderiam em sessões a serem definidas em quantidade pelos proponentes. Cada sessão, seria uma atividade única, que buscaria a sinergia de todos (professores e estudantes).

Cada sessão online seria estruturada em três momentos:

1. Discussão rápida de questões práticas, que pode incluir a retomada ou avaliação da sessão anterior;
2. Apresentação de uma unidade do módulo, que já havia sido aprovada na sessão anterior;
3. Aprovação de novas atividades submetidas ao grupo;

Um dos objetivos desse formato, era que os participantes pudessem propor a qualquer momento um tema/abordagem para a discussão, e com isso uma sessão desencadearia a próxima de maneira bastante flexível e desdobrada. Combinamos então, que os encontros semanais seguissem acontecendo sempre às quintas-feiras às 14h para planejamento das ações futuras. Para as reuniões online estávamos utilizando o aplicativo *Jitsi*, por ser um software livre de código aberto e que dispensa o registro para uso. Ainda estávamos considerando que a plataforma de registro da proposta seria o *Moodle*, onde seriam concentradas as atividades, ferramentas, arquivos, etc. As atividades propostas poderiam acontecer através de ferramentas a critério dos docentes.

Outra relevante questão tratada nesse encontro foi a validação das atividades como equivalentes das disciplinas em que os estudantes já estivessem matriculados, que passou a ser percebida como uma possibilidade mais concreta.

Além disso, se fazia urgente a definição do calendário, pois dentro de uma semana a proposta deveria ser aprovada em reunião de colegiado, porque deveria ser também aprovada pelo Conselho de Centro de Artes e ser encaminhada ao CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) para homologação.

Terminamos este encontro com o Campo Remoto/*Campus Remotus* tomando forma com os primeiros módulos:

- Módulo 1: EE PP (Escultura Encontrada, Pintura Pronta) que seria uma abrangente proposta de possibilidades de criação e discussão da Arte a partir do já dado, do encontrado, do acaso, da colagem, etc.
- Módulo 2: Ateliê aberto/convívio virtual, foi proposto pelo professor Jack, como forma de podermos visitar ateliês e conversar com artistas. Posteriormente, este seria batizado de Ateliê Aberto, e aconteceria todas as sextas-feiras com artistas convidados.

6ª Reunião BAV 22/06

Iniciamos a reunião com o relato da diretora do Centro de Artes, professora Jackelyne Correa Veneza, sobre as orientações da Pró-reitoria de Graduação decorrentes da Portaria 544/2020 do MEC que prorrogou a suspensão das atividades presenciais até dezembro de 2020. E também, a notícia de que o governo do Estado iria estender às universidades o acesso ao aplicativo da IP.TV³, com um pacote de dados para estudantes e docentes, o que acabou não acontecendo. O governo disponibilizou para as universidades o pacote *G-Suite* da Google, conforme já comentado.

Neste encontro, se consolida o Campo Remoto/*Campus Remotus* como uma proposta artístico-educativa emergencial elaborada pelo curso de Artes Visuais preocupado com seu campo e seus atores no enfrentamento da situação crítica sanitária e social. Até aqui já compreendíamos que a UNESPAR reconhecia e valorizava a autonomia dos colegiados para as decisões pedagógicas, e aproveitamos essa chance para experimentar modos relacionais que não fossem espelho das práticas presenciais e tampouco fossem cópias dos modelos EAD existentes.

O professor Jack propôs um desenho/mapa com as imagens de "rio" e "terra firme" como uma diagramação da proposta, e o professor Everaldo apresentou uma estrutura de um plano de trabalho, ambos auxiliaram na redação do projeto para aprovação no CEPE, e na redação do texto de apresentação do Campo Remoto para estudantes. Neste momento, o Campo Remoto se configurava por módulos, que posteriormente chamaríamos de temporadas, divididas por sessões nominadas episódios. Cada semana seria dedicada a um episódio, e cada temporada teria os episódios que fossem necessários para dar conta dos temas. A primeira temporada seria EE-PP (escultura encontrada e pintura pronta), prevista para durar até o fim do primeiro semestre, o equivalente a 5 ou 6 semanas. Esses episódios seriam sempre encontros ao vivo, sincrônicos. Haveriam outras atividades assincrônicas, e eventos com lives com artistas e encontros espontâneos, que posteriormente foram chamados de Ateliê Aberto e *Campis Remotis* - câmeras e microfones abertos - Estes episódios aconteceriam sempre às sextas-feiras com cronograma a ser definido durante o decorrer das atividades. Para o Ateliê Aberto, o(a) docente MC (mestre de cerimônias) convidava e entrevistava o/a artista. Para o *Campis Remotis*, um(a) docente seria o MC, porém sem um roteiro pré-definido, já que seria um espaço para livre manifestação.

Com a afirmação de que as aulas presenciais não retornariam em 2020, ainda restava grande preocupação com as disciplinas de laboratórios, as atividades práticas de ateliê. Esperávamos que essas atividades seriam repostas no ano seguinte, o que não aconteceu. O ano letivo de 2020 foi finalizado de maneira completamente remota em 13 de março de 2021, e o ano letivo de 2021 iniciou e seguiu completamente de forma remota, impossibilitando o adiamento de atividades práticas, que passaram a ser feitas de forma adaptada à distância.

Uma outra questão trazida pela professora Keila dizia respeito à continuidade das disciplinas optativas, que tratam de conteúdos bastante específicos para poderem se adequar ao projeto interdisciplinar e transeriado. Além disso, as disciplinas optativas atendem também aos estudantes dos outros cursos do Centro de Artes, cursos que não estavam incorporados à proposta do Campo Remoto. A solução encontrada para as optativas foi deixar que a/o docente decidisse propor ações específicas e limitadas ou engajá-las aos episódios do Campo Remoto. Como exemplos, podemos citar o professor Fábio Noronha que finalizou suas optativas de forma tangente ao Campo Remoto, e

³ De acordo com o jornal Intercept Brasil, em publicação de 15 de junho de 2020, IP.TV é uma empresa que possui plataformas de EAD (ensino a distância, com contratos com os estados do Paraná, Amazonas, Pará e São Paulo, e vinculada a políticos bolsonaristas. (<https://theintercept.com/2020/06/15/app-empresa-tv-bolsonaro-aulas-online-pandemia/> acesso em 18 de setembro às 16h22). No site oficial da empresa, a descrição é a seguinte: Solução para TV interativa e videoconferência multiponto por IP aplicada em projetos educacionais para realização de aulas ao vivo interativas. <https://www.ip.tv/#quemsomos>

abriu inscrições para *A performance e a câmera de vídeo*, que não era uma optativa, mas uma atividade do campo remoto restrita a inscritos. A minha disciplina, que trata de *site-specificity* na arte contemporânea, também seguiu de forma remota com a turma original, justamente porque tinha estudantes dos cursos de licenciatura e museologia.

No entanto, outras disciplinas optativas tiveram equivalência com as atividades transdisciplinares e transeriadas do Campo Remoto. Houveram também propostas de aulas e atividades gravadas disponibilizadas as/os estudantes produzidas pelos docentes Bernadette, Lilian e Fabrício.

Finalmente em 27 de julho de 2020 demos início à essa ação artístico-educativa, que até março de 2021 aconteceria impreterivelmente às **Terças** das 15h às 18h e **Quartas** 19h às 22h - Campo Remoto; **Quintas** das 14h30 às 17h [reuniões para reflexões e proposições docentes]- *Campus Remotus*; **Sextas** das 15h às 18h - Ateliê Aberto, e das 19h às 21h – *Campis Remotis*. Para que houvesse um elo e um atendimento às turmas e séries, designamos docentes como tutores de turma, para: **Bacharelado Artes Visuais 1º Ano tarde:** Everaldo; **Bacharelado Artes Visuais 1º Ano noite:** Fabrício; **Bacharelado Artes Visuais 2º Ano tarde:** Carina; **Bacharelado Artes Visuais 2º Ano noite:** Keila; **Superior Escultura 3º Ano:** Jack; **Superior Escultura 4º Ano:** Debora Santiago; **Superior Pintura 3º Ano:** Fátima; **Superior Pintura 4º Ano:** Mikosz; **Superior Gravura 3º Ano:** Isadora; **Superior Gravura 4º Ano:** Ricardo e Vivaldo.

Como faríamos o processo de avaliação numa proposta tão abrangente e aberta? A partir da sugestão do professor Vinícius e depois de ampla discussão, as/os estudantes deveriam produzir no decorrer do Campo Remoto uma cartografia de seu percurso na experiência artístico-educativa. Ao final do processo as cartografias seriam compartilhadas e apresentadas e a avaliação se daria com uma banca de docentes e também com um peso de autoavaliação. As cartografias foram acompanhadas pelos docentes a partir de apresentações espontâneas sempre às sextas-feiras quando não havia Ateliê Aberto ou *Campis Remotis*.

A professora Fernanda Dill assumiu a divulgação das atividades, é dela também a logo marca e os desenhos das publicações que tinham o objetivo de manter a comunicação aberta e as atividades bem divulgadas. Para agilizar essa comunicação foi criado um grupo de WhatsApp gerenciado por nós onde os eventos com seus endereços eletrônicos eram divulgados com antecedência.

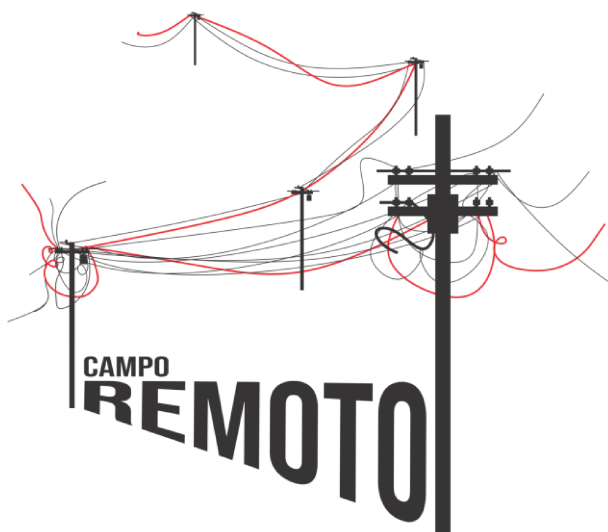


FIG 1. logomarca do projeto

Para explicar o Campo Remoto aos estudantes, foi produzida uma série de publicações enviadas por email e publicadas na rede social do campus com as informações sobre o projeto de ensino emergencial. (fig 2, 3)



Fig 2- panfleto de divulgação

Não. A modalidade do Ensino à Distância tem um formato próprio, que envolve equipes especializadas nas várias instâncias desse tipo de ensino: tutores, produtores especializados de conteúdo, elaboradores de avaliações, etc. O Campo Remoto surge a partir de uma situação de emergência, o que exigiu uma formulação que é completamente diferente do EaD, ainda que empregue alguns dos seus elementos – mas que também é completamente diferente do curso presencial.

Isso porque percebemos que é impossível realizar, de forma remota, uma “versão” do curso presencial: tem que ser uma coisa nova, um verdadeiro experimento no ensino de arte.

**O CAMPO REMOTO /
CAMPUS REMOTUS
É EAD?**

O objetivo do Campo Remoto é ser um experimento que possibilite o pensamento e a criação artística, indispensáveis para a preservação das forças poéticas e imaginativas de todos nós, alunos-artistas e professores-artistas, diante da dramática situação histórica que estamos vivendo. Como experimento, o Campo Remoto foi concebido como um conjunto de ações orgânicas e sujeitas a transformações e adaptações ao longo da sua própria realização. Essa foi a forma que encontramos de responder à realidade que estamos vivendo, em que somos bombardeados constantemente com novas informações, que geram medo, insegurança, mas que também criam esperanças e perspectivas de solução, ainda que futuras. A arte, que tantas vezes trabalhou com a experimentação e a ruptura, é também uma forma de processar, refletir e agir sobre a nossa realidade atual. O Campo Remoto pretende criar, no espaço virtual, um novo LUGAR para essas experimentações.

OBJETIVO

FIG 3. panfletos digitais de divulgação

De forma resumida estas foram as atividades do Campo Remoto/*Campus Remotus*:

EE-PP - 5 episódios - **Escultura Encontrada - Pintura Pronta**. Coordenado pelas professoras Carina Weidle, Keila Kern e Fátima Junqueira, com a participação de Deborah Bruel, Ricardo Ayres. A temporada contou com as vídeo-aulas das professoras Bernadette - CUT-OUT e da prof Lilian - Objetos à mão.

AVC - 3 episódios - **Artes Visuais e Conservação**. Coordenado pelos professores Fernanda Dill, Emerson Persona, Rossana Guimarães, Vivian Busnardo e Allan Hanke. Cada episódio tratou de um lugar: a casa, a janela, o museu.

HH - 4 episódios - **História Hegemônica; História Herege; História Hedionda; História Heterogênea**. Coordenado pelos professores Fabrício Vaz Nunes, Ricardo Ayres, Katiucya Perigo, Luiz Sereza. Esta temporada contou com a participação de estudantes para o último episódio de História Heterogênea.

JEPG - 6 episódios - **Jogos, Estratégias, Poéticas e Gameficação**. Coordenado pelos Professores Fabrício, Jack Holmer, Luiz Sereza e Everaldo Scrock e Anderson Bogéa. Essa temporada tratou do universo da Arte a partir da estética do Jogo, desde uma abordagem da estética até a gamificação da arte pelos jogos eletrônicos.

Além disso, tivemos o **Ateliê Aberto** organizado pelo professor Jack Holmer que recebeu os artistas: Washington Silveira, Daniel Dach, Rubens Mano, Coletivo Ero-Ere com Emanuel Monteiro, Luana Navarro, Mayra Weishof, Marta Neves e Stênio Soares. Aconteceu o **Projeto de Extensão Universitária Encontros com arte – ECOA** coordenado pela professora Lilian Gassen. E tivemos um excelente boletim semanal escrito pela professora Isadora Mattioli, o **Boletim Campo Remoto**. Além das vídeo-aulas das professoras Lilian Gassen e Bernadette Panek disponibilizadas na sala de aula do *Google*, e do professor Fabrício Nunes, que fez um canal no *Youtube* de História da Arte da América Latina e curso de videoperformance do Prof. Fábio Noronha, todos já mencionados

Durante os sete meses do Campo Remoto, aprendemos mais do que ensinamos, aprendemos coletivamente, pesquisamos e discutimos arte, criamos soluções e inventamos problemas. Fomos solidários, fomos professores, mas também artistas. Pudemos compreender de maneira dolorosa que a matéria da arte, mais do que os materiais concretos é o pensamento e a articulação dos objetos, ferramentas, discursos e imagens que o mundo nos apresenta.

Agora passados alguns meses do término desse projeto. Posso afirmar que a experiência nos salvou de sucumbir a um modelo de espelhamento do modo convencional de aulas presenciais. A falta do contato humano presencial, foi amenizada pelos encontros coletivos constantes. As dificuldades emocionais, sociais e econômicas foram acolhidas, porque buscamos não impor uma forma de agir, a proposta foi acolhedora.

É preciso deixar registrado também que esse entrosamento do corpo docente existiu como consequência da reformulação do currículo do bacharelado. O corpo docente habituou-se com a discussão e construção coletiva. Creio que nos percebemos comprometidos com o curso, e assim assumimos a responsabilidade de não sucumbir às dificuldades, mas sobrepuja-las com pensamento e ações articuladas sobre arte. O Campo Remoto foi nossa resposta à suspensão das atividades presenciais e à imposição de ensino remoto. Serviu também como escudo de proteção e resistência em defesa ao ensino presencial, público e gratuito.

Por fim, gostaria de terminar este texto parafraseando Thierry de Duve, no encerramento de seu precioso "Fazendo escola (ou refazendo-a)". Eu já concordava, há mais de um ano, com a reflexão do autor de que as restrições institucionais são para nós, docentes, o que as restrições técnicas são para os estudantes, restrições que para ambas as partes foram aumentadas exponencialmente com o advento da pandemia de COVID-19. E isso é a correlação da ética da instituição com a ética do artista, porque um curso de Artes Visuais, que seja digno de seu nome, deve formular demandas aos seus estudantes, mas demandas nutridas pelo desejo e pela urgência de tal modo que eles saibam não ceder de seu desejo. O desejo de se tornar Artistas. Acredito que fizemos isso no Campo Remoto não cedemos de nosso desejo de sermos Artistas, Professores, Pesquisadores. (2012, p.344)

BIBLIOGRAFIA:

Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Artes Visuais, UNESPAR / Campus Curitiba I - EMBAP, 2019.

DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a). Trad. Alexânia Ripoll. Chapecó : Argos, 2012. 345p.

CAMNITZER, Luis. Didáctica de la liberación: arte contemporáneo latinoamericano. Bogotá : Fundación Gilberto Álzate Avendaño - IDARTES, 2012.